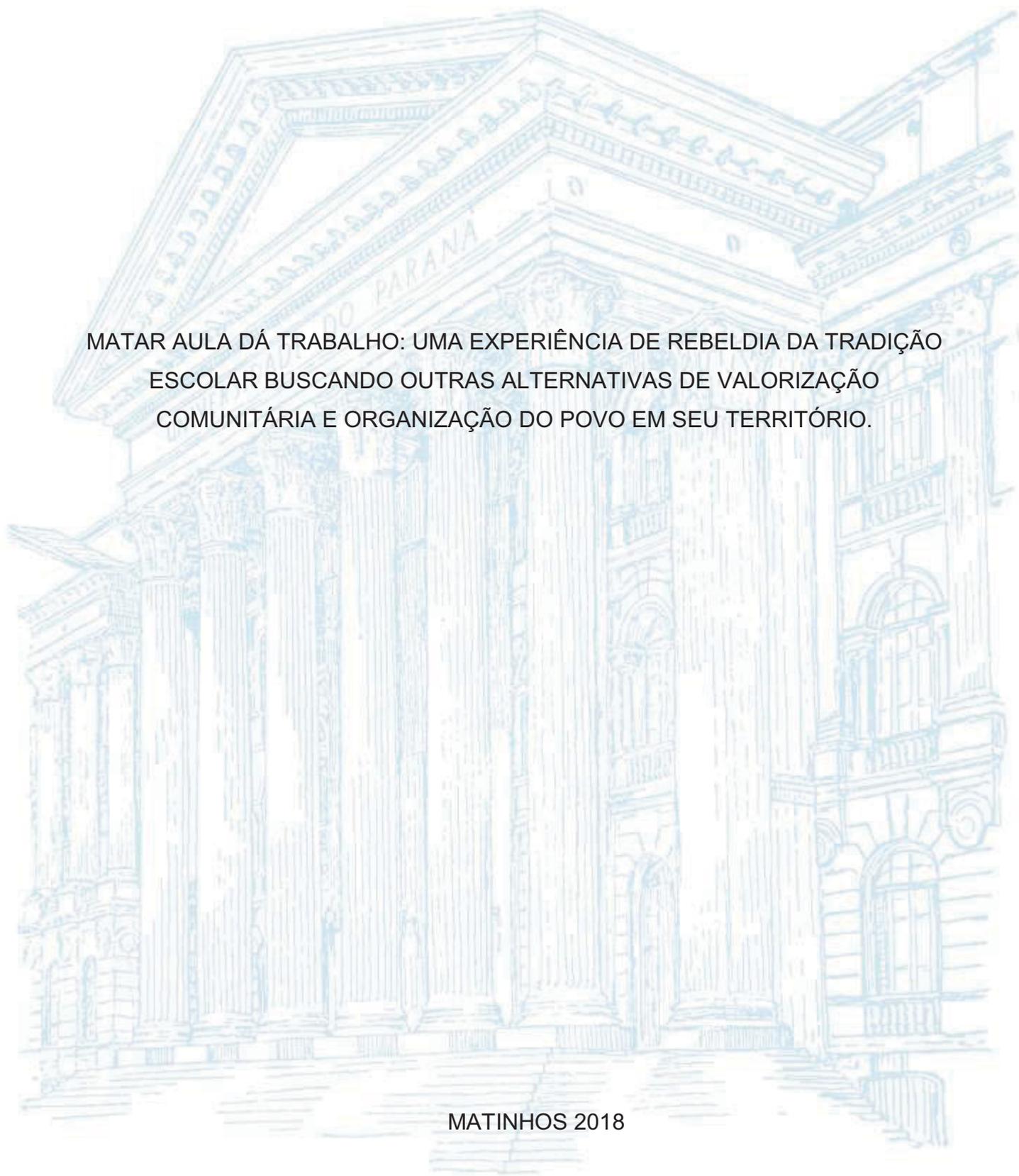


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

REGINALDO APARECIDO PURCINO

MATAR AULA DÁ TRABALHO: UMA EXPERIÊNCIA DE REBELDIA DA TRADIÇÃO
ESCOLAR BUSCANDO OUTRAS ALTERNATIVAS DE VALORIZAÇÃO
COMUNITÁRIA E ORGANIZAÇÃO DO POVO EM SEU TERRITÓRIO.

MATINHOS 2018



REGINALDO APARECIDO PURCINO

MATAR AULA DÁ TRABALHO: UMA EXPERIÊNCIA DE REBELDIA DA TRADIÇÃO
ESCOLAR BUSCANDO OUTRAS ALTERNATIVAS DE VALORIZAÇÃO
COMUNITÁRIA E ORGANIZAÇÃO DO POVO EM SEU TERRITÓRIO.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Pós-Graduação em Alternativas Para Uma Nova Educação, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Alternativas Para Uma Nova Educação.

Orientador: Prof. Dr. Valentim da Silva.

MATINHOS 2018



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR LITORAL

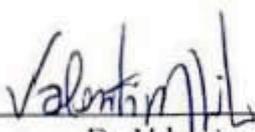
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO ALTERNATIVAS PARA UMA
NOVA EDUCAÇÃO



PARECER DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo orientador Professor Dr. Valentim da Silva realizaram em 29 de junho de 2018 a avaliação do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) do estudante **Reginaldo Aparecido Purcino** sob o título "MATAR AULA DÁ TRABALHO: UMA EXPERIÊNCIA DE REBELDIA DA TRADIÇÃO ESCOLAR BUSCANDO OUTRAS ALTERNATIVAS DE VALORIZAÇÃO COMUNITÁRIA E ORGANIZAÇÃO DO POVO EM SEU TERRITÓRIO", sendo quesito parcial para obtenção do Título de *Especialista no Curso de Especialização em Alternativas para uma Nova Educação*, pela Universidade Federal do Paraná - Setor Litoral, tendo sido "APROVADO".

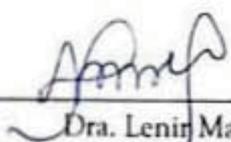
Matinhos, 30 de junho de 2018.



Dr. Valentim da Silva
Professor Orientador



Dr. Rodrigo Rosi Mengarelli
Professor Integrante



Dra. Lenir Maristela Silva
Professora Integrante



Reginaldo Aparecido Purcino
Estudante

Conceitos de aprovação
APL = Aprendizagem Plena
AS = Aprendizagem Suficiente

Conceitos de reprovação
APS = Aprendizagem Parcialmente Suficiente
AI = Aprendizagem Insuficiente

DEDICATÓRIA:

Ser social é assim que sempre me defino por acreditar que não existo sem os outros, às vezes até ouço que isto é ruim, por me verem como alguém dependente. Não vejo assim, pois acredito que minha existência só é certa na presença do outro, é o outro que me dá à certeza de minha humanidade e é neste sentido, que me reporto a todos aqueles e todas aquelas que de alguma forma ajudam na construção do eu real.

- Dedico este trabalho principalmente aos estudantes da periferia deste país, que na maioria das vezes são vistos apenas como mão de obra barata a ser explorada e enquadrada nos moldes do capitalismo. São negligenciados em seus potenciais culturais e afetivos.
- Dedico este trabalho a minha família, esposa, filhas e neto, por estarem sempre junto em minhas “loucuras” sociais.
- Dedico também aos amigos e amigas de turma que ao longo desta etapa foram luz no início, meio e continuidade do túnel.
- Dedico às companheiras de luz Sonia Carmona e Ana Caroline Grego (in memória).
- Dedico a Universidade Federal do Paraná – Litoral, pois espaço assim, só em outras galáxias talvez.

AGRADECIMENTOS

O ambiente que nos acolhe e nos constrói no cotidiano, se torna parte de nos e nos dele.

- Não poderia ser diferente em um local com o nome do maior Educador do país. Quero agradecer de maneira especial ao Colégio Estadual Professor Paulo Freire, sem citar nomes mais a todos e todas que de uma maneira ou outra colaboraram para a tranquilidade e o bom andamento das propostas ali realizadas.
- Também de maneira mais que especial agradecer as Alunas do Curso de Formação Docente (Magistério), Formandas 2017 pela paciência, colaboração ao longo do ano. Saibam que me proporcionaram um dos melhores momentos de minha vida profissional e pessoal.
- A Eliana, o que dizer desta maravilhosa mulher que com sua fúria amora esteve sempre presente em todo este percurso e me orientou por diversas vezes a relaxar. Minhas filhas Amanda, Isabele e Julia, também meu neto Artur inspirador de um novo jeito de ser eu e minha sobrinha Luana que participaram deste sonho real e possível. Valeu família linda.
- Ao Homem das palavras Valentim Silva, peça rara nas orientações e disponível nos horários mais impróprios e imediatos. Valeu pela caridosa atenção, fez lembrar-me de um velho borracheiro amigo disponível vinte quatro horas.
- E não poderia deixar de agradecer aos mestres Valdo e Lenir, já eternizados em nossas vidas pela coragem de propor e realizar. Independente de onde eu estiver estarei sempre à disposição de continuar o que vocês começaram.

O menino

Era uma vez um menino bastante pequeno que contrastava com a escola bastante grande. Quando o menino descobriu que podia ir à sua sala caminhando pela porta da rua, ficou feliz. A escola não parecia tão grande quanto antes. Uma manhã a professora disse: - Hoje nós iremos fazer um desenho! -Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de desenhar. Leões, tigres, galinhas, vacas, trens e barcos... Pegou sua caixa de lápis de cor e começou a desenhar. A professora então disse: - Esperem, ainda não é hora de começar! Ela esperou até que todos estivessem prontos e disse: - Agora nós iremos desenhar flores. O menino começou a desenhar bonitas flores com seus lápis rosa, laranja e azul, quando escutou a professora dizer: - Esperem! Vou mostrar como fazer! E a flor era vermelha com o caule verde. Assim, disse a professora. Agora vocês podem começar a desenhar. O menino olhou para a flor da professora, então olhou para a sua flor. Gostou mais da sua flor, mas não podia dizer isso... Virou o papel e desenhou uma flor igual a da professora. Era vermelha com o caule verde. Num outro dia, quando o menino estava em aula ao ar livre, a professora disse: - Hoje nós iremos fazer alguma coisa com o barro. Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de trabalhar com barro. Podia fazer com ele todos os tipos de coisas: elefantes, camundongos, carros e caminhões. Começou a juntar e amassar a sua bola de barro. Então a professora disse: - Esperem! Não é hora de começar! Ela esperou até que todos estivessem prontos. -Agora, disse a professora, nós iremos fazer um prato. Que bom! Pensou o menino. Ele gostava de fazer pratos de todas as formas e tamanhos. A professora disse: - Esperem! Vou mostrar como se faz. Assim, agora vocês podem começar. E o prato era um prato fundo. O menino olhou para o prato da professora, olhou para o próprio prato e gostou mais do seu, mas ele não podia dizer isso. Amassou seu barro numa grande bola novamente e fez um prato fundo igual ao da professora. E muito cedo o menino aprendeu a esperar e a olhar e a fazer as coisas exatamente como a professora. E muito cedo ele não fazia mais coisas por si próprio. Então, aconteceu que o menino teve que mudar de escola. Esta escola era maior ainda que a primeira. Ele tinha que subir grandes escadas até a sua sala. Um dia a professora disse: - Hoje nós vamos fazer um desenho. Que bom! Pensou o menino e esperou que a professora dissesse o que fazer. Ela não disse. Apenas andava pela sala. Quando veio até o menino perguntou: -Você não quer desenhar? -Sim, o que nós vamos fazer? -Eu não sei até que você o faça - Como eu posso fazê-lo? -Da maneira que você gostar -E de que cor? - Se todo mundo fizer o mesmo desenho e usar as mesmas cores, como eu posso saber qual é o desenho de cada um? -Eu não sei! Respondeu por fim o menino e começou a desenhar uma flor vermelha com o caule verde.

Helen E, Buckley, apud Rocha, 2008.

RESUMO

O caminho percorrido por um educador brasileiro muitas vezes é obstaculizado pela burocracia da grade curricular, avaliação de rendimentos quantitativos, violência hierárquica e tantas outras dificuldades. Não estamos negando estes elementos também relevantes à educação, no entanto eles não podem ser o fim deste processo. A amorosidade fruto, do trabalho coletivo e da responsabilidade, parece nos elementos mais importantes e relevantes e é neste contexto que as novas alternativas em educação, podem possibilitar o avanço da autonomia, não das escolas, mas das comunidades territoriais onde estas estão inseridas. É nesta lógica contra hegemônica, que vivenciamos diversas ações educativas que nos colocaram em um caminho de mobilização das pessoas em seus territórios, para buscarem suas próprias soluções. A construção de um projeto coletivo para solucionar as próprias necessidades sempre será uma alternativa comunitária a se levar em consideração antes de qualquer solução externa.

Palavras-chave: Participação. Autonomia. Responsabilidade. Alternativas. Educação.

ABSTRACT

The path taken by a Brazilian educator is often hampered by the bureaucracy of the curriculum, evaluation of quantitative returns, hierarchical violence and many other difficulties. We are not denying these elements also relevant to education, however they may not be the end of this process. Amoridade, fruit of collective work and responsibility, seems in the most important and relevant elements and it is in this context that the new alternatives in education, can make possible the advance of the autonomy, not of the schools, but of the territorial communities where these are inserted. It is in this counter-hegemonic logic that we experience various educational actions that have put us on a path of mobilizing people in their territories to seek their own solutions. The construction of a collective project to solve one's needs will always be a community alternative to take into consideration before any external solution.

Keywords: Participation. Autonomy. Responsibility. Alternatives. Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 MARCO TEÓRICO:.....	12
3 MEMÓRIA DE VIDA	15
4 RELATO	22
5 O PROJETO: MATAR AULA DÁ TRABALHO:	39
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
7 REFERÊNCIAS	59

LISTA DE IMAGENS

FIGURA 1: UM SER SOCIAL SEM DEIXAR DE SER INDIVIDUAL	21
FIGURA 2: 1ª CONANE CAIÇARA - MORRETES	22
FIGURA 3: II CONANE CAIÇARA - MATINHOS.....	24
FIGURA 4: III CONANE - BRASÍLIA	25
FIGURA 5: AULA SOBRE AGROFLORESTA – MORRETES, PR	26
FIGURA 6: BRINCADEIRA DE CRIANÇA	27
FIGURA 7: VISITA A E. M. ANTONIO COELHO RAMALHO, IBIUNA, SP	27
FIGURA 8: ENCONTRO CO EDUCADORAS DE ARUJÁ, SP	28
FIGURA 9: SEMINARIO BAIRRO EDUCADOR, HELIOPOLIS, SP	29
FIGURA 10: MESA TEMATICA JUVENTUDE DA QUEBRADA	30
FIGURA 11: SALA DE AULA? A MELHOR QUE JÁ TIVE!	30
FIGURA 12: A CAMINHO DO MUSEU	32
FIGURA 13: MUSEU DO BRINQUEDO	33
FIGURA 14: DINAMICA SENSORIAL.....	34
FIGURA 15: VIVENCIA FINAL DE ANO ANE.....	35
FIGURA 16: ACAMPAMENTO JOSÉ LUTZEMBERG – MTST.....	36
FIGURA 17: ACAMPAMENTO JOSÉ LUTZEMBERG – MTST.....	36
FIGURA 18: HORTA MANDALA, COL. EST. TEREZA DA SILVA RAMOS.....	37
FIGURA 19: DESFILE DE ROUPAS FEITAS A PARTIR DE MATERIAIS RECICLADOS	39
FIGURA 20: MATANDO AULA E ARRUMANDO TRABALHO.....	40
FIGURA 21: MATANDO AULA E ARRUMANDO TRABALHO.....	40
FIGURA 22: RECEPÇÃO AO CURSO DE CIÊNCIAS UFPR-LITORAL	41
FIGURA 23: CONSTRUÇÃO DO PROJETO	42
FIGURA 24: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO	43
FIGURA 25: TARDE RECREATIVA	44
FIGURA 26: TARDE RECREATIVA	46
FIGURA 27: TARDE RECREATIVA	47
FIGURA 28: TARDE RECREATIVA	48
FIGURA 29: TARDE RECREATIVA.....	49
FIGURA 30: TARDE RECREATIVA.....	50
FIGURA 31: TARDE RECREATIVA.....	51
FIGURA 32: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	52
FIGURA 33: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	53
FIGURA 34: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	54
FIGURA 35: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	55
FIGURA 36: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	55
FIGURA 37: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	56
FIGURA 38: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL.....	56

1 INTRODUÇÃO

O desafio de pensar a educação para além dos muros da escola sempre foi o meu sul como professor. A escola como um espaço de múltiplas possibilidades, tem se perdido em burocracias e números. É evidente que o que Althusser (1918), dizia sobre os aparelhos ideológicos do estado, se aplica claramente a escola formal de hoje. No entanto, posso afirmar também, que há muita resistência a isto, dentro desta mesma escola e é neste contexto que vejo a Universidade Federal do Paraná – Setor Litoral em seu projeto político diferenciado, mas pouco executado em sua integralidade. Neste sentido, é que percebemos na caminhada que realizamos através da ANE, uma possibilidade real de comprometimento com uma educação popular, que ajuda as pessoas a superar desafios de seu cotidiano, criando, recriando e transformando suas próprias realidades. Portanto apresentamos aqui um pouco desta caminhada enquanto estudante do Curso de Especialização em Alternativas Para Uma Nova Educação, a experiência de aprender a dividir a responsabilidade de ensinar com quem quer aprender e neste processo conturbado mais possível de se fazer autônomo e comprometido, que nos enveredamos nas aventuras da descoberta daquilo que ainda esta por vir, pois o que esta dado, já o é e não nos agrada, não sabemos aonde chegar, mas o faremos, buscamos e construímos no dia a dia a muitas mãos e com a certeza das incertezas vamos refletir e evoluir. Uma educação contra hegemônica, diversa, autônoma e comprometida com a justiça e os direitos igualitários.

2 MARCO TEÓRICO:

Para explicitar a proposta de trabalho, achamos relevante apontarmos aquelas que são as bases de nossa ação. Neste sentido, nos apropriamos de algumas categorias que sinalizam nossas convicções sociais.

Compreendemos, corroborando com Freire (1979) **conscientização**, trata-se de atitude ou postura de reflexão dos indivíduos frente ao mundo. *“Conscientização é o compromisso histórico é inserção crítica na história, implica que os homens assumam o papel de sujeitos que fazem e refazem o mundo. Exige que os homens criem sua existência com material que a vida lhes oferece”* (p.26).

A conscientização pode ser conseguida através da **participação**, que se origina da palavra parte, que nos quer dizer, fazer parte, tomar parte e ter parte. É a atuação direta ou indireta dos indivíduos na história. *“Participação é o caminho natural para o homem exprimir sua tendência inata de realizar, fazer coisas, afirmar-se a si mesmo e dominar a natureza e o mundo.”*(Bordenave,1995. p.16).

Quando buscamos a participação remetemos nosso imaginário as práticas coletivas. É neste sentido que acreditamos na existência de uma **prática social**, estabelecida através da necessidade de agir e refletir conscientes. Para tanto, os objetivos devem ser claros e comuns a todos, favorecendo a equalização de direitos e deveres de toda sociedade. *“É na prática social que o homem se põe em contato com a realidade (...) nesta interação o homem estabelece relações, age, reage, participa, enfim da construção e acumulação do imenso saber da humanidade.”* (Teles Ferreira, 1995.p.47).

Para que haja esta prática social, é necessário que os indivíduos tornem sujeitos do contexto histórico no qual estão envolvidos. Portanto a Prática Social dentro de uma perspectiva histórico – crítica tem a possibilidade de introduzir a **cidadania** a seus sujeitos. Demo conceitua a cidadania como sendo *“a competência humana de fazer – se sujeito, para fazer história própria e organizada.”* (apud. Pereira, 1998 p.68).

Portanto, é baseado neste tipo de cidadania, que entendemos ser a ANE, (Alternativas Para Uma Nova Educação) um espaço para o exercício da resistência a ordem estabelecida por uma sociedade de consumo e da exploração do outro. Neste sentido, julgamos relevante explicitar que a partir dos princípios fundantes da ANE, possamos apontar distintos caminhos, mas que todos eles serão construídos a partir da caminhada.

Neste sentido, entendemos que a ANE, enquanto espaço de sensibilização do caminhar consciente esta dentro daquilo que Lima (2009) apontou como **Educação Popular:**

“educação popular como uma alternativa político-pedagógica aos projetos educativos tradicionais dominantes, que se constituiu, simultaneamente, como modelo teórico e como prática social. Surgida das lutas em defesa dos interesses populares, a educação popular congregou e articulou diversas tradições político-ideológicas e pedagógicas, de alguma maneira convergentes, que incluem o marxismo e as pedagogias críticas, a teologia da libertação, a teoria da dependência, os movimentos sociais, as ONGs e os partidos políticos comprometidos com as lutas de resistência e emancipação das populações desfavorecidas e oprimidas como o camponês, o indígena, a mulher, o afro-americano, o analfabeto e o operário industrial. Tanto em teoria quanto em sua prática social, a educação popular se orientou e, segue se orientando, pela aspiração emancipadora dos educandos; pela prática educativa mais construtora que meramente difusora do conhecimento; pela defesa e produção de um ambiente educativo e social democrático e dialógico; pela articulação entre o processo educativo, a vida e as lutas sociais; pela recusa de toda forma de autoritarismo, domínio e manipulação humana, incluída as assimetrias entre professores e estudantes; pela rejeição de uma ciência positivista, instrumental e reducionista; e pela transformação de todas as condições opressivas da vida humana, em especial daqueles já penalizados por sua condição social”

Na contra mão deste pensamento apontamos a Educação da Dominância, aquela que a meu ver classifica, seleciona, marginaliza pelo mérito, esta que atualmente estabelece como nos comportamos diante do outro, como inferiorizamos ou supervalorizamos um saber. A lógica do acúmulo e do preconceito, que para nós parece estar de acordo com aquilo que Loureiro (apud, Lima (2009) apontou como **Educação Tradicional**, “[...] *uma organização curricular fragmentada e hierarquizada, neutralidade do conhecimento transmitido e produzido; e organização escolar e planejamento do processo de ensino e aprendizagem concebidos como pura racionalidade, pautados em finalidades pedagógicas desinteressadas quanto às implicações sociais de suas práticas.*”

Considerando os predicados expostos, enquanto categorias fundantes de nosso trabalho educativo e um agente ativo Aneano, a **consciência crítica** que buscamos em nosso trabalho é aquela explicitada abaixo por Freire.

- “1. Anseio de profundidade na análise de problemas. (...)*
- 2. Reconhece que a realidade é mutável.*
- 3. Substitui situações ou explicações mágicas por princípios autênticos de causalidade.*
- 4. procura verificar ao testar as descobertas. (...)*
- 5. (...) faz o possível para livrar-se de preconceitos. (...)*
- 6. Repele posições quietistas.(...)*
- 7. Repele toda transferência de responsabilidade e de autoridade e aceita a delegação das mesma.*
- 8. É indagadora, investiga, força, choca.*
- 9. Ama o diálogo, nutre-se dele.*
- 10. Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos.” (1979, p 40 e 41)*

3 MEMÓRIA DE VIDA

Uma história se construindo:

Antes mesmo do próprio nascimento, a pessoa já trás diante de si alguns ideais a serem alcançados. Seus familiares, amigos e porque não dizer a sociedade como um todo, já lhe impõe metas a serem alcançadas esquecendo muitas vezes, que este ser deve ter diante de si, antes de qualquer obrigação, a oportunidade de viver e se envolver como único e ao mesmo tempo como todo.

A sociedade tem o dever de oferecer oportunidades com equidade para todas as pessoas, possibilitando desta maneira, o envolvimento e a conquista de seu próprio ideal. Um ideal que não seja imposto pelos exteriores, mas conquistado a partir dele. Um ideal que possa ser até utópico, mas que deva ser construído a partir de práticas reais de vida, sofrendo transformações, mas também transformando. Um ideal que se construa a diferentes verdades e inúmeras possibilidades. Um ideal que possa ir para além das amarras criadas por um sistema acadêmico forjado por um sistema econômico que dita à maneira que eu possa ser e até onde posso chegar. É neste sentido, que registro neste trabalho um pouco de minha trajetória de vida.

Nasci em Apucarana em 1972, uma cidade media do norte do Paraná, nesta cidade tenho minhas primeiras lembranças enquanto ser pensante, neste período me lembro de meu pai chegando sempre tarde em casa depois de trabalhar em uma empresa de venenos (Nortox), onde se intoxicou devido à função que desempenhava e teve sua vida em risco para poder dar o sustento à família, nesta época nossa alegria era a chegada do final de semana, pois era onde tínhamos a possibilidade de sair um pouco de casa para ir à igreja e normalmente a tarde assistir a jogos de futebol que aconteciam em um campo ali perto de casa. Lá passávamos momentos em família (eu, minha irmã, mãe e pai). Nesta época tudo parecia muito bom, e com o olhar de uma criança inocente, mas atenta aos acontecimentos sociais. Penso que não era bem assim, pois em 1975, tivemos que mudar para Cambé, outra cidade do norte do paranaense, cerca de 60 quilômetros de distancia. A busca por melhores condições de vida e emprego acabam com

minhas primeiras referencias territoriais. Deixávamos “tudo” pra trás, para fazer aquilo que o mercado (sistema de exploração) pede para executarmos se quisermos ser “bem” sucedidos. Não consigo avaliar ainda se tivemos vantagem nisso, só sei que, o que tínhamos de melhor em casa que era a presença de minha mãe, aos poucos fomos perdendo. Em pouco tempo ela estava empregada na mesma empresa que meu pai trabalhava. Ele de saqueiro e ela de ajudante de cozinha. Se existia algo bom nisso, era que de vez em quando minha mãe trazia as sobras de alguns alimentos para casa e também de melãozinho do mato, que ela colhia no caminho de retorno para casa, o que nos alegrava muito. Ah, também não posso esquecer, dos dias de pagamento que ela trazia iogurte.

Não sei por quanto tempo isto durou, mas em 1978, meu pai trabalhava em outra empresa, desenvolvendo a mesma função, neste período ele já havia iniciado uma vida alcoólatra que minha mãe escondia de todos e principalmente de nós crianças. Agora com mais uma irmã recém-nascida e o sumiço de meu pai por alguns dias, quando entrou em contato já estava trabalhando em uma empresa jornalística (Diário do Grande ABC) na cidade de Santo André – SP. Dias depois veio nos buscar e levamos tudo em dois sacos de tecido branco algumas panelas e pouca roupa era tudo que tínhamos.

Ao chegarmos a São Paulo fomos morar na cidade de Mauá, no bairro Sonia Maria. Hoje tenho noção das dificuldades que meus pais enfrentavam naquela época. Moramos por um período em um lugar que no mesmo quintal, viviam sete famílias. A nossa casa na verdade era um quarto. E os móveis, um fogão com botijão e uma cama onde dormia eu, minhas irmãs e meus pais. Era uma festa danada para nós crianças, pois imaginem um quintal cheio de crianças brincando o dia todo. Tinha algumas coisas que até hoje não me saem da cabeça. A família que era dona do local ocupava dois cômodos e para nós isso significava que eles eram ricos, lembro que eles realizavam um trabalho com embalagem de chinelo e as crianças participavam desta atividade colocando os barbantes nos saquinhos e fechando-os, outra curiosidade era os horários de banho, pois se tratava de banheiros que todas as famílias usavam coletivamente. Meninos tomavam banho antes, depois às meninas e depois os adultos tinham seus horários por casal. Sempre ouvi, li e até escrevi sobre os cortiços, mas nunca havia percebido que

havia morado em um. Vivemos ali por cerca de um ano, nisso meus pais estabeleceram uma condição melhor de vida o que nos levou a mudarmos para uma casa melhor e próxima dali, onde moramos até 1981.

Início minha vida escolar, em 1980 e sou matriculado na Escola Estadual Professor Manoel Cação, adorava aquele espaço, tanto que até aos sábados e nos períodos de férias íamos para a escola comer e brincar. Lembro perfeitamente do meu grande erro de escrita, toda vez que escrevia meu nome a professora corrigia fazendo um L com caneta vermelha, pois eu sempre o deixava pra trás. Outra coisa bastante significativa eram as sextas feiras, nestes dias as atividades eram todas culturais e de lazer e foi em uma destas atividades que pela primeira vez tive o prazer de me apresentar cantado para toda a escola e aquilo era motivo de muito orgulho para minha mãe, pra mim e toda a família.

Parecia tudo muito bem até que meu pai, sem muita explicação resolve voltar ao Paraná, nunca ficou muito claro pra gente, mas sei que neste período problemas conjugais com relação ao alcoolismo já influenciava sobre maneira seu emprego. Retornamos a Cambé depois de quase três anos e mais uma vez fomos morar nos fundos da casa de minha avó materna. Morando na periferia da Cidade em um bairro que quem não era de lá, considerava-o violento e povoado por bandidos e começando mais uma vez do zero. Meu pai se perde por um longo período no alcoolismo e minha mãe luta feito onça para manter as mínimas condições de vida aos quatro filhos agora, pois antes de nosso retorno ao Paraná nasce minha terceira irmã. Foram anos muito difíceis, empregos extremamente precários, desemprego e muitas vezes as melhores alternativas eram os trabalhos duros na agricultura como boia fria. Os estudos eram um detalhe que não compreendia bem sua importância ainda, mas sempre gostei, pois era talvez o melhor espaço que ainda ocupava. Gostava tanto da escola que nem queria passar de ano, pois teria que deixa-la se terminasse o ensino fundamental. No bairro ainda não tinha ensino médio e ir estudar no centro era só mais uma dificuldade na vida e estava farto de dificuldade. Queria um pouco de farra e diversão e a independência financeira já era uma realidade, afinal minha a família contava com a renda que eu já ganhava, embora com 14 anos, já estava empregado em uma marcenaria que havia sido aberta em frente da casa de meus avós, e devida uma ação curiosa que acabei

realizando, ganhei um emprego como recompensa, duas latas de parafuso retiradas de sobras de carteiras velhas que eram reformadas naquela marcenaria e ali meu destino parece ter sido cruzado com a educação. Dez anos depois e após concluir o ensino Técnico em Contabilidade no Colégio Estadual Olavo Bilac. Sou aprovado em um concurso para marceneiro na Universidade Estadual de Londrina e começo a conviver com este espaço de conhecimento mais também de muito preconceito, pois atuava como operário no setor menos valorizado de uma instituição de ensino, o que é generalizado no setor público e privado. Independente das dificuldades encontradas estava eu vivendo talvez o melhor emprego que alguém de minha família já havia tido, eu tinha estabilidade e ainda estava dentro de uma universidade extremamente reconhecida nacionalmente e internacionalmente. Mas o melhor estava por vir. Escrevo-me para o vestibular e para surpresa e alegria de muita gente e especial de minha mãe que sempre teve o sonho de estudar e ter tido a oportunidade, passo para fazer o curso em Licenciatura de Educação Física, uma antiga paixão e referencia de um professor do passado que muito nos incentivou como pessoas de valor no Colégio Estadual Antônio Raminelli, Cambé – Pr., que aqui quero exaltar como grande base de minha vida. Foi neste colégio que vivi talvez os melhores momentos de minha vida e tive grande mestres como: Evanil, Romildo, Dejanira entre outros, mas quero homenagear uma professora chamada Conceição. Ela tinha uma postura inovadora pra época por isso era chamada de louca por muitos, e era justamente seu jeito diferente que me fascinava.

Voltando a minha aprovação no vestibular e o inicio das aulas em 1996, já fazendo planos de formação, trabalho, etc., surge o melhor problema de minha vida, minha namorada, hoje minha esposa Eliana, engravida e pra melhorar era de gêmeas. A mistura de alegria, medo, felicidade, entre outros sentimentos causou-me grandes reflexões e me fizeram amadurecer, ser pai e marido no primeiro ano de faculdade foi adrenalina pura, sair de casa às seis da manhã e retornar a meia noite e ter duas meninhas maravilhosas me esperando pra brincar foi demais, não sei bem como consegui, mas consegui, sempre tive o apoio da esposa, família e alguns amigos em especial aqui do sempre pronto Valdenei (Dinei) que por diversas madrugadas foi acordado pra levar minhas filhas ao médico, já que era o mais próximo que tinha carro e também do Ronei, que mesmo tendo se afastado um pouco de nossa convivência teve papel fundamental neste período de minha vida.

Em 2001 graduei e antes mesmo de ter concluído, já me aventurava a fazer alguns concursos e testes seletivos. Em 2000 já tinha sido convocado no Paraná Educação e não pude assumir pela falta da conclusão. No ano seguinte novamente me convocam e desta vez tenho a oportunidade de assumir aulas no município de Rolândia, ganho de presente uma turma chamada de turma especial e no primeiro dia de aula no momento da chamada o menor estudante da turma chamado Micael me interrompe e diz “Micael não, eu sou o chicletão”. Isso me marca até hoje, pois o guri era o menor da turma e, no entanto dominava todos os outros por seu comprometimento já aos doze anos com o tráfico na cidade (relatos ouvidos em conversas informais pela escola). Não tive problemas com ele e passei a chama-lo da maneira que pediu, ele me ajudava com a organização da turma, e isso não durou muito tempo, pois logo ele seria transferido por problemas com a justiça de seu pai. Outra curiosidade do meu primeiro dia como professor foi uma assembleia na escola pra decidir se entravamos ou não em greve. Imagine minha posição. Este foi meu batismo como professor.

Logo no ano seguinte após passar em um concurso na Prefeitura de Maringá, Pr. Minha primeira grande mudança depois de casado. Assumi a função de Técnico Desportivo em um Centro Esportivo no distrito de Iguatemi. Foi uma experiência fantástica, pois ali montava meus próprios projetos e em pouco tempo fiz grandes amizades e aprendi bastante neste espaço, foi neste local que tive a oportunidade de experimentar daquilo que havia escrito em meu trabalho de conclusão de curso (TCC). Por ocasião de uma assembleia do Orçamento Participativo (OP) que aconteceria em nossa quadra no período da noite com os moradores locais, me prontifiquei para atuar como voluntário nas atividades com as crianças e adolescentes (OPzinho). Enquanto os adultos discutiam os problemas comunitários e atribuíam critérios de prioridades nas suas demandas. Eu e uma equipe de recreação “brincávamos” com as crianças e adolescentes. Nunca brinquei tão sério como nessas atividades, pois com as atividades de lazer e recreação que desenvolvíamos levávamos as crianças e os adolescentes a participarem das discussões e proposições de prioridades deste grupo e os resultados dessas demandas eram apresentados no plenário final. Acredito que meu compromisso com a proposta, fez com que a coordenadora do projeto em questão, me convidasse a integrar a coordenação de uma equipe de lazer na Secretaria de Esporte e Lazer do

município, espaço que com certeza me fez tornar a pessoa confiante e resistente que sou hoje.

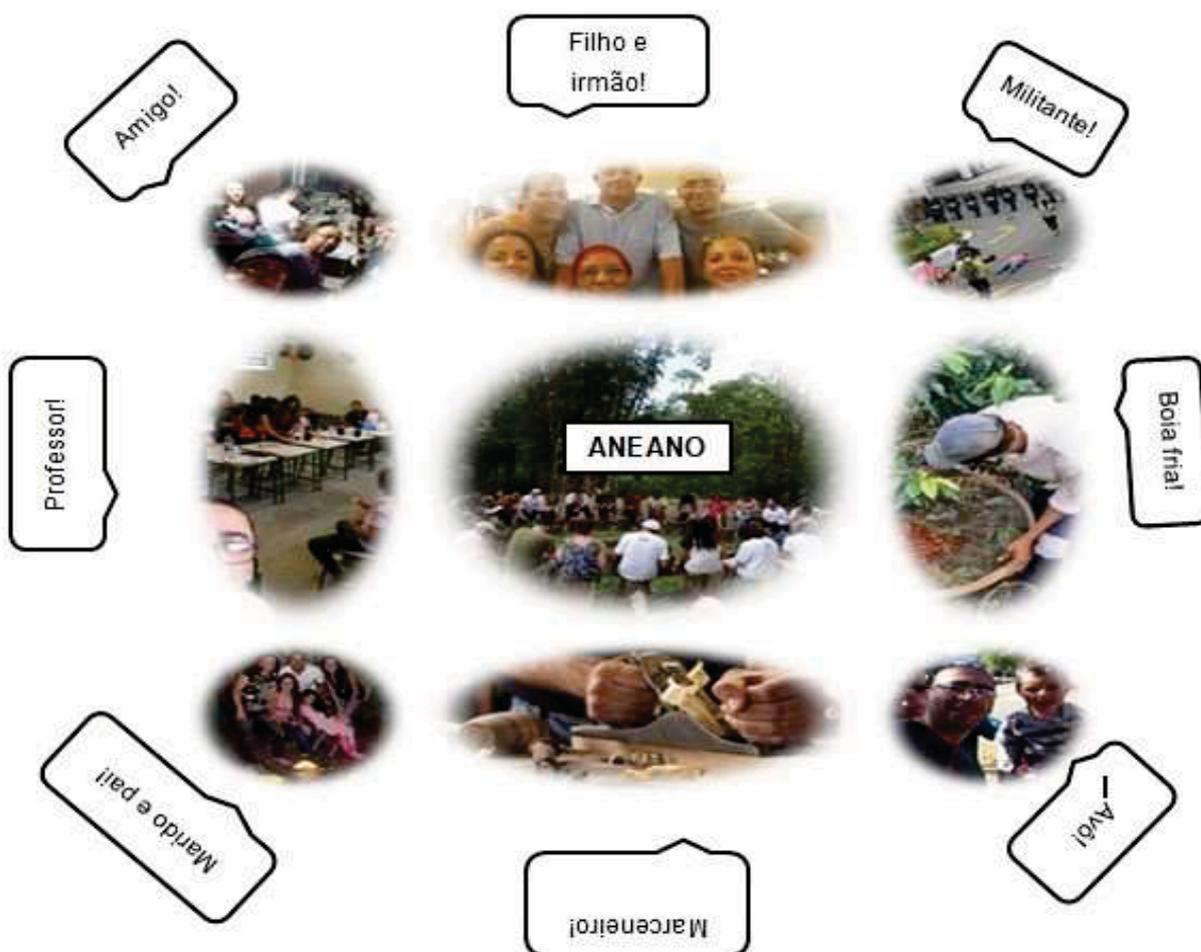
Durante quase três anos realizamos inúmeras atividades de mobilização comunitária a partir de cultura e lazer. Nunca gostei tanto do que fazia, como neste período, mas nem tudo são flores, na profissão estava tudo mil maravilhas, mas minhas filhas sentiam muita falta do convívio social familiar e isto levou as duas a terem constantes dificuldades de saúde o que os médicos na época chamaram de um possível estresse infantil, isto nos fez dar uma meia volta na vida e retornar a Cambé, primeiro a Eliana acompanhadas de minhas duas filhas, Amanda e Isabele e depois de um ano e meio eu, com salário reduzido pela metade, mas com a certeza que juntos estaríamos sempre mais fortes. Optei então pela carreira de professor na Educação escolar. Neste sentido, assumo concurso publico na cidade de Rolândia e concomitante também realizava trabalho de recreação em um hospital psiquiátrico na mesma cidade, o que me possibilitou conhecer outro lado importante da vida, pessoas que jamais pensei encontrar em um lugar destes como pacientes me ajudaram compreender um pouco mais a importância do outro e a nossa pequenez diante das possibilidades da vida. Não demorou muito e depois de ter trabalhado também como professor na Prefeitura de Cambé, me tornei professor do Estado do Paraná em 2009, algo que já havia rejeitado após aprovação em 2003 devido ao meu recente retorno a Cambé e as vagas propostas era pra região metropolitana de Curitiba e Litoral, lugar que jamais havia de morar.

Louco! Foi uma das expressões que ouvi, quando em 2011 decidimos coletivamente em família vir morar no Litoral, arriscando mais uma vez ganhar a metade do salário de tínhamos em Cambé pra tentar uma vida mais tranquila e com qualidade de vida pra nossas filhas, agora já tínhamos a terceira com 6 anos e que também teimou em vir quando a Eliana tentava fazer um segundo curso de graduação após ter já desistido de sua primeira aprovação em vestibulares por conta de colocar sempre as filhas e porque não dizer a mim como prioridade.

O litoral depois de ser rejeitado por nós em 2003 se tornava nosso refugio. Aqui fizemos novas amizades, conhecemos a UFPR LITORAL, e hoje somos parte dela, uma de minhas filhas e também minha esposa, são alunas da instituição e eu

aqui me sinto em casa, pois aquilo que sempre busquei enquanto educação libertária vejo em seu Projeto político pedagógico, aqui neste espaço relembro minha professora do fundamental a tal Conceição (louca). Neste espaço tenho vivido as melhores horas de minha vida de Educador é neste lugar de resistência que tenho me reconstruído (FIGURA 1) todos os dias a partir do Curso de Especialização em Alternativas Para Uma Nova Educação (ANE), aqui renovo e me abasteço de um novo jeito de ser professor, um jeito onde o conhecimento é construído, compartilhado através de vivências reais e coletivas extremamente significativas. É neste espaço de resistência que talvez a experiência mais significativa de minha curta historia de professor e de intensa rebeldia em aceitar este sistema de educação bancaria e distante das realidades locais, que aconteceu uma das atividades mais relevantes em minha carreira de educador dos últimos 10 anos e é dela que vamos escrever nas próximas paginas.

FIGURA 1: UM SER SOCIAL SEM DEIXAR DE SER INDIVIDUAL



Fonte: Purcino, 2018

4 RELATO

O caminho se faz caminhado:

Confesso que nos primeiros encontros estive totalmente perdido e percebia que era o que acontecia com a maioria das pessoas ali presentes. Em alguns momentos até duvidei que alguém ali soubesse aonde chegaríamos. A verdade é que acho que ninguém sabia mesmo, e isso é inovador, pois estamos construindo algo que nunca tivemos. Como sempre esperamos as coisas prontas, pois assim a escola tem nos tornado, precisávamos nos desformar de certas práticas estabelecidas. Uma certeza era real. A diversidade era visível e a cara de espanto de muitos dava a noção do quão aquilo podia ser desafiador. Eu ali ouvindo aquelas histórias que de alguma maneira se confundiam com a minha. Não tive dúvida que este lugar me pertencesse, embora não fazer parte nem da lista de espera, ora divulgada dias anteriores, decidi que independente de ser estudante da pós estaria nos encontros e faria todas as atividades possíveis. Aos poucos fui me ambientando e conhecendo outras pessoas que eu já acompanhava a distancia há algum tempo por conta de outra especialização e por ter participado da 1ª CONANE CAIÇARA (FIGURA 22).

FIGURA 2: 1ª CONANE CAIÇARA - MORRETES



Fonte: Facebook Conane Caiçara, 2016

O anseio da busca de outras formas de ensino, sempre me fascinou, e talvez pelo fato de ser professor de Educação Física, isto normalmente foi tratado com desconfiança e até desdenho por outras áreas. Este trabalho quase que geralmente é desrespeitado e desqualificado dentro do espaço escolar. Isto às vezes é até bom, pois normalmente ficamos fora das velhas e tradicionais avaliações externas, no entanto, também gera uma negligencia de aprendizagens e um grande descompromisso de muitos profissionais que atuam. Há um preconceito velado e isso sempre me causou certa irritação. Querer uma escola mais alegre com mais vivencias práticas não só na Educação Física sempre foi um desafio e quando elas aconteciam eram mais fuga do trabalho que promoção de aprendizagens. Nunca achei que uma disciplina pudesse ser responsável por qualquer atividade isolada na escola. Não acredito em disciplina polivalente, acredito no conjunto das disciplinas pensando o todo juntas, preferia que elas não existissem separadas, mais já que elas estão ai, penso que só da certo a elaboração de uma proposta quando nos encontramos para discutir e criar juntos. Assim fui me refazendo na Roda da ANE e sem ter noção que já estava construindo, as coisas foram acontecendo, como diz o mestre Valdo parafraseando Antonio Machado, “*o caminho se faz caminhando*”.

Aprender é ensinar:

O caminho que sonhamos nem sempre é o que conseguimos trilhar, à princípio meu projeto de ação planejado pra ANE, era aulas interdisciplinares com turmas do 6º Ano do Colégio Estadual Professor Paulo Freire. Tratava-se de aulas preparadas por um coletivo de professores que por convite meu receberiam o projeto e a partir deste buscaríamos ligar os conhecimentos a partir de vivências de caminhadas dirigidas por parque e áreas ecológicas do município de Pontal do Paraná e região. O objetivo era possibilitar aos estudantes conhecerem um pouco das belezas naturais de locais próximos, com o intuito da preservação e valorização de nossas riquezas com base no sentimento de pertencimento que estas aulas por trilhas poderiam despertar. Isto ainda não aconteceu, mas não deixou de ser uma busca. No entanto, a busca de meu próprio pertencimento a este litoral me fez participar das ações de alguns companheiros de Ane, isto me foi mostrando o quanto era importante vivenciar pra também propor. Neste sentido, as CONANES (Figuras 3 e 4) que participei devem ter sido as setas que indicavam onde eu poderia ir, ir não, passar, pois as CONANES representam a meu ver estes caminhos que construímos caminhado.

FIGURA 3: II CONANE CAIÇARA - MATINHOS



Fonte: Facebook Conene Caiçara, 2017

FIGURA 4: III CONANE - BRASILIA



Fonte: Facebook Conane, 2017

As CONANES são apenas umas das ações neste processo de compreender o que seriam as tais Alternativas Para Uma Nova Educação.

Outras picadas deste caminho foram às ações de colegas de curso. Minha primeira vivencia foi proporcionada pelo colega de turma (Lurian), que a partir de suas aulas em uma Ilha de Paranaguá, oportunizou nossa participação a uma vivencia bastante prazerosa sobre agrofloresta em um sitio familiar em Morretes (Figura 5). Foi uma experiência maravilhosa, onde minha sensação foi a de retornar as experiências que vivi em minha infância, a cada ensinamento que ouvia me sentia parte daquilo, pois já havia vivenciado aquilo junto de minha avó há muito tempo e agora aqueles conhecimentos sendo divulgados e valorizados de maneira científica e por jovens que por força da evolução tecnológica e do êxodo rural principalmente na década de 70 não vivenciam mais estas ações e saberes.

FIGURA 5: AULA SOBRE AGROFLORESTA – MORRETES, PR



Fonte: Purcino, 2017.

Neste dia aprendemos coisas como o consorciamento de plantas, armazenagem das colheitas, preparação e recuperação do solo entre outras coisas. Uma característica marcante foi a diversidade interdimensional (instituições, idades, profissões, crenças, etc.).

E no giro da roda, outra ação de um colega de turma (Marcos) nos conduziu a Ibiúna (Figuras 6 e 7), uma cidadezinha do interior de São Paulo, lá conhecemos aquela que talvez seja a experiência mais empolgante em educação formal que já vivi. Ver, ouvir e sentir crianças alegres e com total autonomia em suas praticas de aprendizagem, sem que pra isso deixassem de ser crianças, enquanto aprendem, também ensinam, mesmo que eu conseguisse escrever tudo que eu vi, jamais conseguiria descrever como isto acontece, qualquer explicação minha seria vazia e sem sentido, pois só a vivencia daquela prática pode explica-la, talvez a frase do personagem Chicó no filme, O Alto da Compadecida pode nos ajudar a descrever o sentimento de tal pratica, *“não sei, só sei que é assim”*.

FIGURA 6: BRINCADEIRA DE CRIANÇA



Fonte: Purcino, 2017

Quanta alegria representada em uma foto e apenas um machucado na brincadeira. Duvido que alguém consiga saber quem? Foram momentos de prazer e principalmente convicção, que a escola pode ser diferente e muito melhor do que estamos acostumados. No entanto, é preciso ter coragem e muita perseverança. Viva a diretora Mila e toda sua equipe, pela garra, trabalho e muita resistência.

FIGURA 7: VISITA A E. M. ANTONIO COELHO RAMALHO, IBIUNA, SP



Fonte Purcino, 2017

Nossa caminhada não podia parar, Arujá nos aguardava e nós o buscávamos, pois os desafios são vencidos de maneira prazerosa quando fazemos junto. Nesta visita, nos encontramos com educadoras de duas escolas da cidade, estes estavam iniciando uma proposta de escola inovadora. Trocamos ideias (Figura 8) e expectativas e nos comprometemos enquanto parte de uma rede que busca

autonomia e valorização dos saberes de forma igualitária pois “ninguém educa ninguém, ninguém se educa a si mesmo, “as pessoas” se educam entre si, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1981).

FIGURA 8: ENCONTRO CO EDUCADORAS DE ARUJÁ, SP



Fonte: Facebook Ane, 2017.

E é neste mundo que precisamos estar abertos aos encontros, às diferenças, aos desafios. Uma educação contra hegemônica, sempre despertará a injúria e a resistência do poder instalado e isto fica evidente nestes encontros. Portanto, estes encontros nos propiciam não apenas a criação de uma rede alternativa de educação mais nos coloca de maneira eficaz na formulação de uma rede popular que busca outras maneiras de estabelecer aprendizagens que não sejam apenas aquelas já cristalizadas e tidas como corretas pelos dominantes.

Ah o Bairro Educador!

Não sei o que dizer de um lugar que se constrói da força de um povo, massacrado pela violência do preconceito das elites e constrói talvez a principal referência de associação de moradores da América Latina, simplesmente UNAS – Heliópolis (Figura 9 e 10), um movimento que surge em 1978, representado por moradores de cada núcleo de favela que tem o objetivo de lutar pelo direito de moradia e posse da terra. Um lugar que transformou o sofrimento em muito barulho e o barulho em conquista pois *“não é no silêncio que “as pessoas” se fazem, mas na palavra, no trabalho, na ação-reflexão”*. (Freire, 1987, p. 78)

FIGURA 9: SEMINARIO BAIRO EDUCADOR, HELIOPOLIS, SP



Fonte: Purcino, 2017.

Em Heliópolis participamos de inúmeras atividades como: Seminário Bairro Educador, com mesas temáticas, debates, atividades culturais entre outras coisas, no entanto, quando aparentava que todas as aprendizagens valiosas que tínhamos já haviam acontecido e que o momento era só de diversão em um bar “considerado” extensão da sede da UNAS (Figura 11), que fica exatamente em frente à sede oficial, um senhor chamado João Miranda considerado por todos ali como uma das grandes lideranças desde os primeiros dias da comunidade, fez um fala impressionante sobre a história de luta desta linda comunidade que hoje chega a mais de 200 mil

habitantes. Foi maravilhoso e emocionante, pois minha filha que me acompanha por diversas atividades, estava ali ouvindo da boca de um grande líder, um pouco da história real daquele lugar. Ela registrou tudo e seu vídeo virou conteúdo de aula na ANE, se é que temos sala e aula.

FIGURA 10: MESA TEMATICA JUVENTUDE DA QUEBRADA



Fonte: Purcino, 2017.

Que sala de aula! A melhor que já tive.

FIGURA 11: SALA DE AULA? A MELHOR QUE JÁ TIVE!



Fonte: Purcino, 2017.

A imagem acima pode até ser despreziosa, mas é cheia de significados e relevância, trata-se de quebra de paradigmas, de encontro de pessoas, de retirada de mascaras hierárquicas, institucionais, territoriais entre outras. Um Doutor atento

às palavras de um marceneiro. Ora, mas que inversão de honras é essa? Diria a arrogância acadêmica da educação bancária. Nós porem acreditamos, que *“não é na resignação, mas na rebeldia em face das injustiças que nos afirmaremos.”* (Freire, 1996, p.87) João Miranda é um líder comunitário daqueles que gostaríamos de ser ou de ter em nosso bairro, suas palavras firmes e repletas de compromisso com seu povo faz a gente acreditar que é possível, sua história coletiva de luta e resistência contra as injustiças, nos da a real noção do que na verdade deve ser o compromisso de um líder.

“Quando o homem compreende sua realidade, pode levantar hipóteses sobre o desafio dessa realidade e procurar soluções. Assim pode transforma-la e o seu trabalho pode criar um mundo próprio, seu eu e suas circunstâncias.” (Freire, 1979)

Foi isto que vimos na figura do seu João Miranda e de tantos outros lideres de Heliópolis, pessoas que compreendem sua realidade e constroem seu próprio mundo de forma coletiva e organizada. Demonstram através de suas praticas sociais aquilo que Freire chamou de Consciência critica:

1. Anseio de profundidade na análise de problemas. (...)
2. Reconhece que a realidade é mutável.
3. Substitui situações ou explicações magicas por princípios autênticos de causalidade.
4. procura verificar ao testar as descobertas. (...)
5. (...) faz o possível para livrar-se de preconceitos. (...)
6. Repele posições quietistas.(...)
7. Repele toda transferência de responsabilidade e de autoridade e aceita a delegação das mesma.
8. É indagadora, investiga, força, choca.
9. Ama o dialogo, nutre-se dele.
10. Face ao novo, não repele o velho por ser velho, nem aceita o novo por ser novo, mas aceita-os na medida em que são válidos.” (1979, p 40 e 41)

Quantos caminhos podem levar a um lugar?

Depende se for com os caminhantes da ANE, podemos garantir que várias são as alternativas, a foto abaixo (Figura 12) não deixa dúvidas disso. O destino era o Museu do Brinquedo e a busca mais conhecimento, mas que caminho tomar? São tantas opções que é melhor dialogar.

FIGURA 12: A CAMINHO DO MUSEU



Fonte: Purcino, 2017

Após alguns, tropeços, desvios e muitos diálogos pra encontramos o caminho que nos levaria ao destino, um espaço maravilhoso de “lazer”, uma espécie de sonho infantil construído por um “adulto,” Nesta real fantasia, podemos perceber as transformações históricas da escola através da simples organização de brinquedos (Figura 13). Um espaço particular de um grande inspirador de alternativas para uma educação autônoma e transformadora. Gratidão a Celso Vasconcelos que nos garantiu momentos de profunda reflexão e que não precisava ter dito nada, pois seu acolhimento e humildade já seria o suficiente para que nós que éramos recebidos com tanto carinho e solicitude entendêssemos como deve agir um educador na construção dos caminhos.

FIGURA 13: MUSEU DO BRINQUEDO



Fonte: Purcino, 2017.

Neste caminho de construção coletiva, ainda podemos citar a vivência da eterna colega de turma **Sonia Carmona** (in memória), na biblioteca pública do Balneário Ipanema, Pontal do Paraná – Pr. é bem verdade que a atividade proposta para o dia não aconteceu devido ao clima chuvoso que afastou o público, no entanto neste dia estreitamos nossa amizade e ouvimos bastante da luta que ela junto à bibliotecária responsável pelo espaço já haviam feito para poder desenvolver o projeto de arte comunitária naquele espaço.

Em um ano bastante especial onde iniciamos com certeza uma nova etapa de nossas vidas, como educadores mais autônomos, coletivos e comprometidos com a conscientização de nos mesmos e daqueles que buscam uma educação libertária e que valorize mais as potencialidades que as dificuldades, podemos atribuir a ANE, o principal estímulo que temos tido para continuar na resistência contra essa educação hegemônica bancária, que mais aprofunda a ignorância, do que aumenta as possibilidades da maioria do povo. É com o impulso que tomamos a partir de nossas rodas de conversas, relatos e vivência das ações de nossos e nossas companheiras de curso e de todas as comunidades que de alguma maneira tivemos a oportunidade de conhecer ao longo do ano de 2017, que finalizamos nossas atividades da maneira mais educativa possível. Um dia pra jamais esquecermos, um dia pra sentir o poder da comunicação, da afetividade, da escuta e da confiança. Com a sapiência e o carinho tanto da colega Susan e seu parceiro profissional Carlos que nos proporcionaram momentos de grande alegria e profunda reflexão de nossa caminhada até devido momento (Figura 14 e 15). Precisamos repetir!

FIGURA 14: DINAMICA SENSORIAL



Fonte: Facebook Ane, 2017.

FIGURA 15: VIVENCIA FINAL DE ANO ANE



Fonte: Facebook Ane, 2017.

Já em 2018, outra ação que pudemos atuar foi no acampamento José Luttemberg – MTST (Movimento de Trabalhadores Sem Terra). O chamamento da educadora Sara moradora da comunidade em questão, que propôs a construção de um espaço de lazer para as crianças e jovens. Neste dia não houve o início das obras, no entanto pudemos conhecer um pouco da história da comunidade e do processo de organização e ocupação destas terras. Durante todo o percurso que fizemos a companhia das crianças nos dava a perspectiva de como aquele espaço era diferente do que estamos acostumados em nosso dia a dia urbano (Figuras 16 e 17), a sensação de liberdade e o prazer de nos acompanhar, ora aprendendo, ora ensinando se via na fala e nos sorrisos tanto delas como nos nossos. Ali mais uma vez a inter-relação geracional se dava da maneira mais simples e mais complexa possível. A fala de uma das crianças questionando a morte de uma ave por ataque um morador sem a necessidade, foi bastante significativa em relação ao respeito à natureza e o papel das pessoas nisso.

FIGURA 16: ACAMPAMENTO JOSÉ LUTZEMBERG – MTST



Fonte: Purcino, 2018.

FIGURA 17: ACAMPAMENTO JOSÉ LUTZEMBERG – MTST



Fonte: Purcino, 2018.

E depois de inúmeras tentativas de participação no Projeto da Horta Mandala (Figura 18) no Colégio Estadual Tereza da Silva Ramos, comandado pelo incansável e carismático Wilson (Wil) enfim podemos ter a honra de participar de sua conclusão aos 45 minutos do segundo tempo. Que sensação boa de estar ali naquele lugar que tinha projetado por inúmeras vezes na imaginação, apenas por

ouvir a empolgação e por que não dizer das dificuldades relatadas pelo companheiro Wil.

FIGURA 18: HORTA MANDALA, COL. EST. TEREZA DA SILVA RAMOS



Fonte: Purcino, 2018.

Foram estas as principais ações que colaboraram de alguma maneira para a transformação de nossa proposta inicial para o curso em uma proposta que se deu pelas circunstâncias da realidade vivida. Ao longo das experiências e confluente a elas foi que de alguma maneira fui modificando e sendo modificado em minha maneira de ver minhas aulas e os conteúdos que me condicionam disciplinarmente. Procurando dar mais autonomia aos estudantes que surgiu a oportunidade de implementar nossa ação na ANE pelo viés escolar, mas para além das amarras

curriculares e da avaliação quantitativa. Portanto, a partir das experiências que vivi proporcionada por colegas de curso, professores e equipe de coordenação da ANE é que posso dizer que a experiência que vivenciei por conta de um convite para matar a própria aula que eu ia dar, foi uma das coisas mais gratificantes que pude realizar como educador nos últimos dez anos e é desta experiência que falaremos a seguir.

5 O PROJETO: MATAR AULA DÁ TRABALHO:

Por ocasião de uma atividade extraclasse (Figura 19) que acontecia no Colégio Professor Paulo Freire – Pontal do Paraná – Pr. Escola em que trabalhamos no ano de 2017 com turmas do ensino fundamental e também médio na Formação de Docentes (Magistério), nesta ocasião fomos sutilmente convidados a matar aula pelas próprias estudantes. Como aquilo não nos causava nenhuma estranheza e parecíamos os mais interessados naquela possibilidade, concordamos com elas e propomos que podiam passear pelas imediações ali da escola e que podiam conduzir onde iriamos. Saímos a caminhar por ali e acabamos sentados em uma praça que fica ali perto da escola (figuras 20 e 21). Sem nenhuma pretensão mais específica, ficamos apenas observando as alunas conversando até que percebemos que o assunto era os problemas que aquele espaço de lazer apresentava em relação à higiene e segurança. Havia lixo próximo ao parque, o que levou a reclamação de uma das alunas da situação e da falta de segurança que sentia quando por algumas vezes tentava brincar com sua filha no local. Estava ali a possibilidade que esperávamos para a mediação. Após a conversa das mesmas sobre a situação, lançamos a pergunta: O que poderíamos fazer para interferir concretamente naquela situação? Pedimos para que pensassem no assunto e que conversaríamos sobre na próxima aula.

FIGURA 19: DESFILE DE ROUPAS FEITAS A PARTIR DE MATERIAIS RECICLADOS



Fonte: Purcino, 2017.

FIGURA 20: MATANDO AULA E ARRUMANDO TRABALHO



Fonte: Purcino, 2018.

FIGURA 21: MATANDO AULA E ARRUMANDO TRABALHO



Fonte: Purcino, 2018.

Assim foi feito, nesta aula discutimos sobre o ocorrido na aula anterior e propusemos que num prazo de 15 dias elas apresentariam projetos individuais para solucionarmos com nossas próprias forças aqueles problemas. Neste período abrimos mão de qualquer conteúdo específico que deveria passar a elas devido a disciplina curricular, fizemos inúmeros contatos com outros professores que também atuavam com a turma, além da equipe pedagógica que de pronto deu respaldo e tranquilidade para continuarmos com a ação. Contamos com diversas ajudas, de diferentes pessoas que de alguma maneira colaboram, em especial a professora Sinue que a partir de uma das demandas das estudantes, as conduziu até a prefeitura da cidade para que identificassem os serviços e os responsáveis por eles. Também tivemos o incentivo da visita dos estudantes do Curso de Licenciatura em Ciências da UFPR-Litoral (Figura 22).

FIGURA 22: RECEPÇÃO AO CURSO DE CIÊNCIAS UFPR-LITORAL



Fonte: Purcino, 2017.

Esta visita ocorreu quando foi proposto que os projetos individuais, fossem transformados em um projeto coletivo. Foi um momento muito interessante, pois quando da apresentação dos projetos individuais, aconteceram discussões e a percepção da importância de pensarmos as coisas de forma coletiva, aspectos que individualmente pareciam verdades e ao socializarmos foram tomando formas mais justas e igualitárias.

Não foi um processo fácil, pois a tradição do fazer pela nota, foi um grande desafio. Enquanto pensava no prazer de mudar a realidade da praça, algumas estudantes estavam pensando na nota que teriam pela execução das tarefas e na punição de quem não participasse. Seria pretencioso achar que isto alcançaria os 100%, mas em alguns momentos pensamos que não alcançaria nem um. Sentimos que estávamos sendo enganados e também percebemos que era recíproco este sentimento. No entanto, o grande objetivo era ajuda-las a perceberem que podíamos de alguma maneira mudar aquela realidade constatada por elas mesmas naquele dia na praça e que esta mudança passava pela força de organização das pessoas em torno deste objetivo e que naquele contexto estas pessoas éramos nós (Figura 23).

FIGURA 23: CONSTRUÇÃO DO PROJETO



Fonte: Purcino, 2017.

Apoiados na ideia de que cidadania é “*a competência humana de fazer – se sujeito, para fazer história própria e organizada.*” (apud. Pereira, 1998 p.68), conseguimos depois de muita discussão, ilusões, devaneios, desânimo e resistência, uma ideia possível (Figura 24).

FIGURA 24: CARTAZ DE DIVULGAÇÃO



Fonte: Schorr, 2017.

Uma tarde recreativa, seria o ponto partida para mudarmos a realidade não daquele espaço, mas para mudarmos a realidade de cada um de nós que participou do processo de construção como daquelas pessoas que passaram por aquele espaço naquele dia. É verdade que a maioria das pessoas que brincaram com a gente neste dia, não deve ter a real ideia do que aquilo representava para o grupo de estudantes que conduziram o processo, no entanto ficou claro que aquela atividade era um momento raro de prazer para as pessoas que participaram no dia. E uma das perguntas que mais se ouvia era quando que aconteceria de novo. Tanto pelas crianças, quanto pelos adultos ali presentes. Pensar que em um dia cinzento e chuvoso pela manhã, quase nos fez desistir e pela perseverança e apoio imprescindível de um colega de turma da ANE (Landir), foi que tocamos em frente e foi fantástica a participação da comunidade como poderemos ver nas fotos logo à frente (Figuras 26-31). A roda característica da ANE foi um dos pontos altos da atividade, pois ali as pessoas puderam ouvir um pouquinho do processo de construção daquilo que elas ao mesmo tempo em que usufruíam também

colaboravam para que acontecesse. A bisavó Dona Faraildes (Figura 25) em um relato simples mais cheio de sentimentos diz aquilo que qualquer um envolvido na construção esperava como avaliação, *“hoje voltei a ser criança, faz muito tempo que eu não pulava corda e hoje vi que ainda consigo..., precisamos de mais dias assim...”*.

FIGURA 25: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Foram falas como a da Dona Faraildes que nos deram a certeza que nossos objetivos iniciais foram conquistados. A transformação daquela imagem triste da praça basicamente abandonada naquela manhã de matança de aula em um ambiente feliz e com muita vida e alegria apenas pela organização do povo pra brincar. Valeu muito a pena. Da nota como principal objetivo, a perda por não ter participado. Da discussão da falta de tempo, por um sábado de trabalho a mais. Da desistência por desânimo da maioria, por muitos sorrisos e a certeza de conseguir. Foi assim que nos sentimos e isto ficou evidente na reunião de avaliação, sobrou prazer e comprometimento com a execução disso, por onde estiverem já que se tratava de uma turma de formandas. Cogitaram que isto poderia ser uma prática das próximas turmas e que a praça poderia ser adotada pela escola ou pelas turmas de Formação Docente futuras do Colégio. Também a partir da avaliação aprovamos

uma segunda atividade alternativa que aconteceu na Ilha do Mel, uma espécie de integração escola regular coma escola do campo, um dia de vivenciar outras formas, um momento de conhecer outras realidades e estabelecer novas relações para além de nossos territórios, outros espaços, outros tempos, outras regras, mas ali tão perto e tão distante algumas pessoas que nunca haviam chegado à ilha estando tão próxima a vida toda. Mais uma etapa vencida, que nos impulsiona a defender que a autonomia exercida com responsabilidade fortalece amorosidade e isso faz bem ao conhecimento, nosso grande objetivo da Educação. Na sequencia apresentamos algumas imagens da Tarde Recreativa e também da visita às escolas de Campo da Ilha do Mel.

Preparando agente vai;

Esta achando que foi só diversão? Acertou mais com muito trabalho coletivo. Começamos a tarde arrumando o espaço, retirando o lixo, preparando as oficinas, dividindo os espaços, tudo com muito prazer e responsabilidade.

FIGURA 26: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Cada corpo um cartaz;

FIGURA 27: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

E o teatro a se compor;

FIGURA 28: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Rola bola, pula e amor;

FIGURA 29: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Corda bamba, que calor;

FIGURA 30: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Vem pra roda não se avexe;

FIGURA 31: TARDE RECREATIVA



Fonte: Purcino, 2017.

Tem teatro e somos mestres;

Tanta alegria não podia acabar naquela tarde e fomos nós em mais uma ação coletiva, uma visita às escolas de campo da Ilha do Mel (Figuras 32-38). Um dia para fazer, fortalecer e construir amizades e conhecimentos.

FIGURA 32: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

FIGURA 33: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

Pois a roda vai girando;

FIGURA 34: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

E o povo, aconchegando.

FIGURA 35: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

FIGURA 36: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

Caminhada é para sempre; Lado a lado vamu¹ estar!

FIGURA 37: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

FIGURA 38: VISITA A ESCOLAS DE CAMPO DA ILHA DO MEL



Fonte: Purcino, 2017.

¹ A palavra foi escrita de forma coloquial para homenagearmos e valorizar o jeito simples, mais carregado de significados e muito amor que a maioria do povo das periferias tem ao se expressar e transmitir seus saberes.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Primeiro que não dá pra serem considerações finais, pois isso é totalmente controverso ao que eu compreendi até aqui. Neste sentido, acredito que o processo que iniciamos com a ANE é irreversível e trata-se de uma busca constante de refazer-se a partir do outro, ao menos a meu ver, é assim que venho caminhando. A cada encontro me sinto mais esta rede. A ANE tem sido minha fonte de resistência e elo pra estar ligado a outros grupos que buscam uma educação autônoma, que garanta as pessoas serem atoras de suas próprias histórias, onde a hierarquia, os status e tantas outras barreiras acadêmicas, econômicas etc., tem criado mais dificuldades e aprofundado as diferenças entre as pessoas. A experiência vivida com as estudantes do Curso de Formação Docente foi uma atividade extremamente importante pra mim, pois ali me propus a apenas mediar. Tenho certeza que pude mais aprender que ensinar a elas, afinal elas eram maioria e isso já devia dizer alguma coisa no ato de ensinar. Eu poderia determinar naquele dia que fôssemos para a sala e continuássemos com nossos conteúdos “normais”, mais felizmente já tinha sido batizado pela ANE e isto resultou naquilo que hoje é um símbolo do que busco como educador: Autonomia e responsabilidade.

Também tive decepções, mas estas estão ligadas principalmente ao sistema hegemônico de educação que estou ligado. A rede pública de educação do estado do Paraná, que é só mais uma engrenagem neste processo de burocratização do conhecimento. Ao final do ano de 2017, como acontece quase sempre com os educadores no Paraná tive meu vínculo profissional encerrado com a escola que iniciamos este trabalho e largados a sorte do próximo ano nas tradicionais “escolhas” de aulas acabei não tendo a oportunidade de poder continuar a proposta do ano anterior. Devido a dificuldades de horários e a quantidades de turmas em três escolas diferentes e com a missão de começar sempre e não desistir nunca de nosso sonho de fazer da Educação Alternativa um espaço de valorização das pessoas a partir de suas comunidades e do pertencimento em seus territórios é que continuo participante ativo da ANE e de todas suas proposições. Neste sentido, que embora por mais que tenha tentado aqui neste trabalho demonstrar um pouco do sentimento que tenho em fazer parte disso, tenho a certeza que jamais conseguiria, pois o papel é frio, a academia é burocrática e só quem faz parte do processo como

um todo, pode sentir o que sente alguém que vivencia isto. Como já disse anteriormente e parafraseando o mestre Valdo, nosso mentor e incentivador de tudo isso, o caminho se faz caminhado assim como Antonio Machado propusera em seu poema Cantares (s/d):

“...Caminante, son tus huellas el camino y nada más; caminante, no hay camino, se hace camino al andar. Al andar se hace el camino, y al volver la vista atrás se ve la senda que nunca se ha de volver a pisar. Caminante no hay camino sino estelas en la mar...”

7 REFERÊNCIAS

Almeida, Jose Luiz Vieira de – **Ta na rua**: representações da prática dos educadores de rua – São Paulo: Xamã, 2001.

ANE-Alternativas Para Uma Nova Educação - **Fotos** - <<https://www.facebook.com/>> acessado 5/6/2018.

Brasil, Ministério de Educação e Cultura. **A implantação da educação ambiental no Brasil**. Brasília: COEA/ mec, 1998.

Bordenave, J. E. D. – **O que é a Participação** – 6ª ed. – Brasília, Ed. Brasiliense, 1995.

Chauí, Marilena de S. - **Cultura e democracia**. São Paulo, Moderna, 1981.

Conane, Caiçara – **Fotos** <<https://www.facebook.com/>> Morretes acessado em 5/6/2018.

Conane, Caiçara – **Fotos** <<https://www.facebook.com/>> Matinhos - acessado em 5/6/2018.

Cortella, Mario Sergio – **A escola e o conhecimento**: fundamentos epistemológicos e políticos, 7ª ed – São Paulo: Cortez: Instituto Paulo Freire, 2003. (Coleção prospectiva; 5)

Demo, Pedro, 1941 – **Participação é conquista**: noções de política social participativa, 5ª ed. - São Paulo, Cortez 2001.

Dias, G. F. **Educação Ambiental**: princípios e práticas. 9 ed.; São Paulo: Gaia, 2004.

_____**Atividades interdisciplinares de Educação Ambiental**. 2 reimp. São Paulo: Gaia, 2012.

Freire, João Batista – **Educação de corpo inteiro**: Teoria e prática da Educação Física; São Paulo; Scipione, 1994.

Freire, Paulo. **Educação e mudança**; Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979, 27ª ed.

_____**Multinacionais e trabalhadores no Brasil**, São Paulo: Brasiliense, 1979.

_____**Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo, Paz e Terra, 1997

Gadotti, Moacir. **Concepção dialética da educação**. São Paulo: Cortez/Autores associados, 1983.

Leff, Enrique. **Saber Ambiental**: Sustentabilidade, racionalidade, complexidade, poder. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____**Educação ambiental e desenvolvimento sustentável**. In verde cotidiano: o meio ambiente em discussão. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

Machado, Antonio, **Extracto de Proverbios y cantares (XXIX)**<https://www.poemas-del-alma.com/antonio-machado-caminante-no-hay-camino.htm> em 15/08/2018

Oliveira, Claudia – **O ambiente urbano e a formação da criança** – São Paulo: Aleph, 2004.

Padilha, Valquiria – **Tempo livre e capitalismo: um par imperfeito** – Campinas, SP: Alínea, 2000.

Pereira, J. R. F. – **Complexo da Maré: possibilidades de construção da Cidadania a partir de Políticas Públicas nas áreas de Esporte e Lazer.** Dissertação de Mestrado Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1998.

Rocha, Dina Lucia Chaves – **Brincando com a criatividade: contribuições teóricas e práticas na Arteterapia e na Educação** – Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

Müller, Verônica Regina – **Reflexões de quem navega na educação social: uma viagem com crianças e adolescentes.** Maringá: Clichetec, 2002.

Oliveira, Claudia – **O ambiente urbano e a formação da criança** – São Paulo: Aleph, 2004.

Trivinos, Augusto Nivaldo Silva, 1928 – **Introdução à pesquisa qualitativa em educação** – São Paulo: Atlas, 1987.

Vasconcellos, Celso os Santos, 1956 – **Avaliação: concepção dialética-libertadora do processo de avaliação escolar** 18º ed. – São Paulo: Libertad, 2008.